



## *Faces Potiguares*



### Sumário

PÁG. 02

**AGENDA DA BCZM**

PÁG. 03

**AS NOVAS FONTES  
DO CONHECIMENTO**

PÁG. 04

**MINH'ALMA E O VERSO**

PÁG. 05

**O TELEFONE,  
ESSA GRANDE  
COISA**

PÁG. 06

**PITANGUEIRA**

PÁG. 07

**A NOITE DAS ESTÁTUAS,  
EM NATAL**

PÁG. 08

**POR JANEIRO**

## EDITORIAL

O BiblioCanto, nesta edição, inicia uma série de homenagens à literatura norte-rio-grandense, tão pouco conhecida do grande público. E é em busca desse resgate cultural, que essas homenagens estarão mostrando textos de nossos ilustres conterrâneos, juntamente com o comentário de intelectuais de nossa cidade sobre vida, obra e estilo de cada um. Já neste número, veremos um pouco do talento dos autores: *Auta de Souza, Berilo Wanderley, Palmira Wanderley, Nilo Pereira e Ferreira Itajubá*. Personagens que deixaram uma forte contribuição no cenário da escrita potiguar e que, provavelmente, ainda encantarão as tardes, noites e dias de leitura de muitos, através de suas palavras iluminadas.

Resultado do  
PROCURAM-SE LEITORES



- 1 - Paulo Mendes Campos
- 2 - Fernando Sabino
- 3 - Carlos Drummond de Andrade
- 4 - Rubem Braga

Agradecemos a todos os que enviaram respostas ao desafio proposto, especialmente aos seguintes leitores que acertaram os nomes dos escritores, na exata ordem em que aparecem, da esquerda para a direita: *Eliel Borges Silva e Marcel Lúcio M. Ribeiro*, ambos estudantes do curso de Jornalismo da UFRN, os quais devem procurar esta assessoria para o recebimento de seus brindes.

## EXPEDIENTE

O BiblioCanto é um informativo bimestral, distribuído gratuitamente pela BCZM à comunidade universitária. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Reitor: Otom Assunção de Oliveira. Vice-Reitora: Tácia Maria de Oliveira Maranhão. Biblioteca Central Zila Mamede. Diretora: Rildaci Medeiros. Vice-Diretora: Margaret Rêgia de Lara Menezes. Conselho Editorial: Glícia Arrivedo Tinoco e Rildaci Medeiros. Colaboradores: Francisco Carlos de Menezes Júnior, Márcio Dantas, Jarbas Martins, Frank Corrêa, Franklin Jorge, Wáden Madruga, Osair Vasconcelos e Carlos Edirino. Bolsista: Alfa Valle. Diagramação: Dalany Ferreira Dantas. Ilustração: Peterson Michel Dantas. Impressão: Edulyn Endoreço. Campus Universitário da UFRN - Lagoa Nova - Natal/RN. CEP: 59072-970. Fones: 215-3841 ou 215-3849. Fone/Fax: 215-3856. e-mail: comunic@bczm.ufrn.br

## ACONTECEU

## MARÇO/2000

## ✓ COMUT ON LINE - ARIEL

A Biblioteca Central Zila Mamede e a Biblioteca Setorial Especializada em Engenharia Química fortalecem seus serviços de disseminação e uso da informação através do COMUT ON LINE, com a implantação do Software ARIEL. Esse serviço está disponível para toda a comunidade universitária.

Maiores informações contactar:

BCZM - ediane@bczm.ufrn.br / 215-3843

BSE-Eng.Quim. - cecilia@eq.ufrn.br / 215-3770

✓ A Prof. Rildaci Medeiros, Diretora do Sistema de Bibliotecas da UFRN, retornou da Espanha, em 13/03/2000, onde participou do Programa de Cooperação Interuniversitário Brasil/Espanha. Na oportunidade, proferiu palestra intitulada "Política de Informação no Brasil", na Universidade Carlos III, de Madrid, a convite da Prof. Dr. Mercedes Caridad Sebastian, Vice-Reitora da referida Universidade.

✓ Nos dias 28, 29 e 30/03, a Prof. Rildaci Medeiros participou da apresentação do "Web of Science" e da Base de Patentes "Derwent Innovations Index - DII", promovido pela CAPES/FAPESP/ISI, na Universidade de São Paulo, e da reunião da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU).

## ABRIL/2000

✓ Em 12/04, foi lançado mais um número, o primeiro do ano 2000, do informativo BCZM Informa, que objetiva divulgar as recentes aquisições de acervo bibliográfico da Biblioteca Central.

✓ De 17 a 19/04, houve a III Jornada de Biblioteconomia e Documentação, em Recife/PE, com a participação de alunos e professores do DEBIB.

✓ No período de 17 a 30/04, exposição iconográfica BRASIL 500 ANOS, no hall da BCZM.

## AGENDA

## MAIO/2000

☞ Dia 10/05, Cinema na BCZM, às 16h, na Valeoteca da Biblioteca Central. Exibição do filme *O Piano, Vencedor do Oscar 94*, com os atores Holly Hunter, Anna Paquin, Sam Neill e Harvey Keitel. Direção de Jane Campion.

☞ Marcado para o dia 17/05, um BiblioCafé no Campi de Cacó.

☞ No dia 18/05, Dia Mundial do Museu, haverá uma exposição iconográfica com o referido tema no hall da BCZM.

### AS NOVAS FONTES DO CONHECIMENTO

Um mundo novo se apresenta diante de nós neste milênio que se anuncia. São milhares de informações compactadas em bytes, navegando ao sabor dos ventos de um cyberspaço. O pensamento torna-se acessível a qualquer um que deseje absorvê-lo e a busca pelo saber ficou mais prazerosa e bem mais ágil.

Para os que antes dependiam dos correios e de passagens aéreas para ir ao encontro da sabedoria, agora, a chave para todas as portas se resume a um terminal de computador, uma linha telefônica, um modem e um espírito desbravador. Claro, em nossos primeiros contatos com esse novo universo, freqüentemente nos deparamos com países novos, lugares desconhecidos que não sabemos bem como explorar. Para isso, temos ao nosso lado um profissional que faz da caça à informação uma arte: o Bibliotecário.

Com o advento das novas tecnologias, as bibliotecas ganharam um gigantesco apêndice: as Bibliotecas Virtuais e as Bases de Dados, em CD-ROM e on line, mas o que vem a ser tudo isso? Como processar esse arsenal de conhecimentos da melhor forma possível? É simples, procure a sua biblioteca, ela será a sua ponte na travessia dessas fronteiras.

A BCZM possui um serviço especializado que liga você às Bases de Dados, sites de busca específicos que disponibilizam artigos, teses, monografias, dissertações e literatura deste gênero na área de conhecimento do seu interesse. Caso você não consiga acessar, de forma integral, o texto que deseja, a Biblioteca pode obtê-lo através da sua solicitação de Comutação Bibliográfica on line, que consiste no intercâmbio de material entre todas as bibliotecas nacionais, interligadas pela grande rede.

Para tanto, é preciso que o usuário se comunique com esta Biblioteca, exponha os seus interesses e dúvidas sobre a pesquisa. A Seção de Informação e Referência pesquisa na WEB e nos CD-ROMs das principais universidades do país, fornece ainda os endereços eletrônicos das bases de dados relacionadas a sua área ou disponibiliza um horário para pesquisa em CD-ROM, para que o próprio usuário conduza a navegação.

Os principais CD-ROMs disponíveis na BCZM são: UNIBIBLI (USP/UNESP/UNICAMP), IBICT (Instituto Brasileiro de informação em Ciência e Tecnologia), CCN (Catálogo Coletivo Nacional), EMBRAPA (Empresa Brasileira de Agropecuária), ANUÁRIO ESTATÍSTICO, Universidade de São Carlos, USP- Produção Intelectual e Científica da Universidade de São Paulo.

As bases de dados mais pesquisadas são: Prossiga, SCIELO, Web of Science e Compendex. Há ainda bases específicas para determinadas áreas, tais como: ENERGY, da área tecnológica, e a EDUBASE, de Educação.

Além da pesquisa em Bases de Dados, a BCZM oferece o serviço da REDE ANTARES, rede de pesquisa nacional entre diversas instituições, e a REBAE (Rede Brasileira de Engenharia), em implantação.

Se ainda restam dúvidas quanto às bases de dados e ao seu funcionamento, solicite ao seu Departamento uma visita programada à BCZM, que pode ser agendada pelo encaminhamento de ofício ou ligação telefônica à Seção de Informação e Referência, na qual o acesso às bases será demonstrado.

Seção de Informação e Referência - SIR/BCZM  
Bibliotecária responsável: Ediane Galdino de Carvalho  
Tel.: 215-3843 e-mail: sir@bczm.ufrn.br

Duany Dantas,  
bolsista Agcom/UFRN

### CONFIRA NA INTERNET OS ENDEREÇOS DAS PRINCIPAIS BASES DE DADOS:

[www.prossiga.com.br](http://www.prossiga.com.br) (Prossiga)

[www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br) (SCIELO)

<http://cin.cnen.gov.br/rebie>

<http://143.106.58.49> (EDUBASE)

<http://ibict.br/issn>

<http://ibict.br/bibvirtu>

(Bibliotecas Virtuais do IBICT)

[www.cg.org.br/gt/gtbv.htm](http://www.cg.org.br/gt/gtbv.htm)

(Bibliotecas Virtuais - Internet do Brasil)

<http://redeantares.ibict.com>

<http://digital.nypl.org>

(Biblioteca Pública de Nova York)

[www.ct.ibict.br:82/ccn/admin](http://www.ct.ibict.br:82/ccn/admin)

[www.fgv.br](http://www.fgv.br)

(Fundação Getúlio Vargas)

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

[www.cnen.gov.br](http://www.cnen.gov.br)

(Comissão Nacional de Engenharia Nuclear)

[www.inpi.gov.br](http://www.inpi.gov.br)

(Instituto Nacional da Propriedade Industrial)

[www.bibliotecas.ufu.br](http://www.bibliotecas.ufu.br)

(Universidade Federal de Uberlândia)

## MINH'ALMA E O VERSO

Auta de Souza



*Não me olhes assim... Eu fico triste  
Quando a fitar-me o meu olhar persiste  
Choroso e suplicante...  
Já não possuo a crença que conforta.  
Vai bater, meu amigo, a uma outra porta  
Em terra mais distante.*

*Cuidavas que era amor o que eu sentia  
quando meus olhos, loucos de alegria,  
Sem nuvem de desgosto,  
Cheios de luz e cheios de esperança,  
Numa carícia ingenuamente mansa,  
Pousavam no teu rosto?*

*Cuidavas que era amor? Ah! Se assim fosse!  
Se eu conhecesse esta palavra doce,  
Este queixume amado!  
Talvez minh'alma mesmo a ti voasse  
E num berço de flor ela embalasse  
Um riso abençoado.*

*Mas, não, escuta bem: eu não te amava,  
Minh'alma era, como agora, escrava...  
Meu sonho é tão diverso!  
Tenho alguém a quem amo mais que a vida,  
Deus abençoa esta paixão querida:  
Eu sou noiva do Verso.*

*E foi assim... Num dia muito frio.  
Achei meu seio de ilusões vazio  
E o coração chorando...  
Era o meu ideal que se ia embora,  
e eu soluçava, enquanto alguém lá fora  
Baixinho ia cantando:*

*" Eu sou o orvalho sagrado  
Que dá vida e alento às flores;  
Eu sou o bálsamo amado  
Que sara todas as dores.*

*Eu sou o pequeno cofre  
Que guarda os risos da Aurora;  
Perto de mim ninguém sofre,  
Perto de mim ninguém chora.*

*Todos os dias bem cedo  
Eu saio a procurar lírios,  
Para enfeitar em segredo  
A negra cruz dos martírios.*

*Vem para mim, alma triste  
Que soluça de agonia;  
No meu seio o Amor existe,  
Eu sou filho da Poesia."*

*Meu coração despiu toda a amargura,  
Embalado na mística doçura  
Da voz que ressoava...  
Presa do amor na delirante calma,  
Eu fui abrir as portas de minh'alma  
Ao Verso que passava...*

*Desde esse dia, nunca mais deixei-o;  
Ele vive cantando no meu seio,  
Numa algazarra louca!  
Que seria de mim se ele fugisse,  
Que seria de mim se não ouvisse  
A voz de sua boca!*

*Não posso dar-te amor, bem vês. Meus sonhos  
São da poesia os ideais risonhos,  
Em lagos de ouro imersos...  
Não sabias dourar os meus abrolhos,  
E eu procurava apenas nos teus olhos,  
Assunto para versos.*

Este é um dos mais belos poemas da mulher de Macaíba. Não apenas pelo apelo metalinguístico, apresentando a Poesia como possibilidade de obliterar a realidade e redimir o Ser do sofrimento, mas também no que concerne à fatura do texto, empregando habilmente alguns procedimentos formais (os heróicos quebrados arrematam de maneira contundente o dístico-decassílabo). E tudo isso configura um universo auto-referencial em relação à realidade, provocado que foi pelo desacerto para com o mundo, por uma imaneente incompatibilidade que a fez alimentar a doença e, por tabela, nutrir a Poesia demandada por sua alma. Pois bem: não há como não evocar a mulher de Mitilene, Safo, quando nos diz da ventura e do conforto outorgados por aqueles tocados pelo "verso": *não consentem os deuses lágrimas de dor/ numa casa consagrada às musas:/ não nos convêm.*

Líricas distanciadas no tempo (e na qualidade), porém reveladoras da mesma experiência com a arte, desmonstrando a atemporalidade do mistério e da essência da Poesia.

## O TELEFONE, ESSA GRANDE COISA

Antônio de Souza

Berilo Wanderley



Não me dáes a mão... Eu fico triste

Quando a fita-me a mão e não posso

Eu me sinto triste

- Muito mais do que o automóvel, vale o telefone. Veja você que, com um telefonema na mão, hoje de manhã, resolvi três negócios importantes: tomei mil cruzeiros emprestados, disse uns desaforos a um sujeito que há muito tempo me vinha fazendo raiva e acertei um encontro com uma criatura que nem conheço, mas que, com a ajuda de Deus, será bonita.

Ele me dizia tudo, chupando o canudinho do refresco, mantendo-me debaixo daquela sombra de marquise, com algumas pessoas em volta, também conversando e chupando canudinhos. Apesar do calor, eu nada quis. Apenas começara a falar de automóvel, mais que utilidade para o homem que trabalha do que como artigo de luxo, para passeios nas tardes. Meu amigo me falou do telefone. E lançou-me seus argumentos, que eu ouvia, braços cruzados sobre a mesa, mesmo porque não me achava disposto a beber nada.

- Olhe você: sem o telefone não teria feito nada disso. Primeiro, não tenho cara de pedir dinheiro emprestado a ninguém, frente a frente. Pelo fio, sim. E consegui. Depois, você sabe, sou um homem de coragem, mas não para dizer desaforos a ninguém. Mas um sujeito estava merecendo umas palavras ásperas. Disquei para ele e, quando falou de lá, joguei de cá um balde cheio de palavrões. E o melhor é que eu me sentia completamente à vontade. O camarada não dizia patavina. Uma beleza! Realmente, uma beleza, o telefone!

Meu amigo sugou com força o canudinho, fazendo pausa na conversa, mas eu já lhe perguntava pela terceira importância que o telefone lhe dera, na manhã. Pôs o copo de lado, torcendo o canudinho, e falou:

- Ah, o caso do encontro com a desconhecida? Foi assim: desliguei o fone, chateado dos palavrórios que jogava no camarada e pensei que, para desenfasiar, só ligando à doida, passar um trote alegre e desabafar. Liguei, atendeu uma voz docíssima e de uma beleza que acalentava. Perguntei quem falava, ela disse que era Maria Não Sei de Que. O nome não interessava. Voz doce! Perguntei o que havia de novo. Ela respondeu: "Só que eu briguei com o namorado".

Eu falei que também brigara com a minha. Mentira. Nem tenho isso de namorada. Falei num encontro de solidariedade. Ambos sofríamos o mesmo mal e seria justo uma confraternização. Ela aceitou e marcou no portão da casa dela. É forte para um primeiro encontro, mas topo tudo. Vou.

La passando a mocinha que lhe trouxera o refresco, ele levantou o dedo, pedindo outro. E, virando-se para mim, abrindo os braços:

- Não é mesmo grande o telefone?

*A comédia humana sempre esteve presente na crônica diária de Berilo Wanderley. São histórias pungentes, trágicas, burlucas, ridículas. Histórias de amor, humanas, porque na obra de Berilo está presente a própria e inescapável crônica da condição humana. E por isso, mesmo na leveza do seu estilo ágil e aprimorado, intimista e coloquial, simples e paratático, no texto enxuto que tanto lembrava Eça e Machado, dois de seus autores preferidos, vamos encontrar a preocupação metafísica, o problema social, a questão política. Sim, porque Berilo, aparentemente um observador do banal cotidiano, nunca se divorciou, porém, da realidade de seu tempo, pois ele próprio foi um homem de seu tempo que sabia transformar e dimensionar, com equilibrado nível de consciência, o trivial em motivo de reflexão. O ofício de cronista foi também - e por que não principalmente - um ato de profundo amor, pois sabia que a vida é amor na lição mertoniana. Sua arte e seu jornalismo estão sulcados no respeito aos direitos do homem, à liberdade, à justiça, às coisas simples da vida, não fora ele um cultor de simplicidade.*

Woden Madruga  
Presidente da Fund. José Augusto



## PITANGUEIRA

Palmira Wanderley

Termina Agosto... A pitangueira flora...  
A umbela verde cobre-se de alvura;  
E, antes que de setembro finde a aurora,  
Enrubesce a pitanga... Está madura.

Da flor, o fruto é de esmeralda, agora...  
Num topázio, depois, se transfigura,  
E, pouco a pouco, um sol de estio a cora,  
Dando a cor de rubis à carnadura.

A pele é fina, a carne é veludosa,  
Vermelha como o sangue, perfumosa  
Como se humana a sua carne fosse...

Do fruto, às vezes, roxo como o espargo,  
A polpa tem um travo doce amargo,  
- o sabor da Saudade, amargo e doce...



### **PALMIRA E EU**

Menino, minha avó materna embalava-me cantando os versos de Palmira, poetisa que fizera parte do universo da sua juventude em Natal, onde a autora de *Roseira Brava* gozava de grande popularidade. Era, então, a própria personificação da poesia. Um pouco mais tarde, divertiamos-nos, minha avó e eu, recitando seus versos em dueto. Tínhamos predileção pelo soneto *Pitangueira*. Constava da crônica da família que Palmira havia tomado o namorado de uma de minhas tias. Dona Gena, Maria Eugênia Montenegro, possuía num dos quartos do seu solar, uma elegante penteadeira que pertencera a Palmira. Quando de sua morte, fui incumbido pelo jornal a fazer a cobertura dos seus funerais, no Cemitério do Alecrim, bairro que, segundo Palmira, tem a sua alegria no sábado, por causa da feira. Foi um dos maiores enterros que Natal já viu.

## A NOITE DAS ESTÁTUAS, EM NATAL

Nilo Pereira

*O ano já não me lembro. Sei que foi na década de cinquenta. O governador do Rio Grande do Norte era Sylvio Piza Pedrosa. Grande animador de movimentos culturais e musicais. Convidou alguns intelectuais pernambucanos para uma visita a Natal. Lá se foram, a pamilhar estradas longas, como no verso de Francisco Paima, Gilberto Osório de Andrade, Dirceu Borges, Andrade Lima Filho (todos três já na dimensão infinita de Deus) e mais Silvino Lopes e Otávio Pinto, igualmente distantes e invisíveis, e este escrevinhador, o único sobrevivente. (Até quando?)*

*Coube a Luis da Câmara Cascudo (como me dói, agora, escrever esse nome; onde ele está?) organizar a recepção aos convidados. De casa apenas dois: Otávio Pinto e eu. E lá nos fomos de automóvel, quais colegiais em férias.*

*Estava combinado (somente eu sabia do segredo) que, à entrada da cidade, o carro seria preso. Eu, calado como um coco. Quando as viaturas se aproximavam de um posto policial surgiram dois guardas-civis e deram a chamada voz de prisão. Estupefação. Cada qual reagiu a seu modo. Otávio Pinto: – Eu sou daqui, não posso ser preso. – Gilberto Osório de Andrade (meu querido Gilberto: será que você se lembra, agora tão longe de todos nós, dessa cena espantosa?) – foi peremptório: – Sou Doutor em Direito, não posso ser preso assim sem mais nem menos. Andrade Lima Filho: – Sou deputado, tenho imunidades. Dirceu Borges: – Sou desembargador. Todos estranharam o meu silêncio. – Então, você não diz nada? Foi quando de detrás de uma árvore irromperam Sylvio Pedrosa e Cascudo (grandes e abençoados meninos), com bisnagas d'água, relaxando a prisão. Um alívio geral. Dirceu para mim: – Você não protestou porque era cúmplice nessa tentativa frustrada de detenção...*

*Mas, a que vem isso, amigos? É mais uma lembrança de Cascudo, o inesquecível, o morto mais vivo que conheço. Tudo era ele e tudo há de ser ele. Pois bem: numa determinada noite, Cascudo, no seu gabinete de trabalho, onde nos recepcionou, teve esse relâmpago, de repente: uma visita às estátuas de Natal. Cada um de nósalaria no seu monumento escolhido. Era meia-noite. A hora do Corvo de Edgar Poe. Saímos da casa*



*do mestre, ele à frente, para a grande aventura. Fez-se o seguinte escalonamento: Gilberto Osórioalaria no monumento a Augusto Severo; Cascudo, no busto de Nisia Floresta; Silvino Lopes, no "square" Pedro Velho; Dirceu junto à herma do professor João Tibúrcio; Otávio Pinto junto ao Marquês de Tamandaré; eu no monumento à Independência Nacional, em frente ao Palácio do Governo.*

*Tudo correu bem. Alguns notívagos paravam para ver aqueles homens um tanto estranhos a falarem diante das estátuas. Cascudo havia dito aos de fora o essencial sobre os monumentos que iam interpretar. Quanto a Otávio Pinto e a mim, conhecíamos bem a topografia estatutária.*

*A grande surpresa foi Silvino Lopes. Cronista do Recife, não era dado a falar em público. Fazia ali, naquele momento, o seu vestibular retórico. E saiu-se com essa: – Meu caro Pedro Velho: o Sr. não teria feito a República se não fosse sua esposa, que aí está a seu lado, encorajando-o.*

*Cascudo aparteia, esclarecendo: – Essa mulher simboliza a República. E Silvino, sem se perder: – Pois, d'agora por diante, fica sendo a virtuosa esposa dele.*

*Ah! Meus amigos, como sinto saudades de tudo isso! A alma dessas coisas belas, que enriquecem o espírito humano, era Cascudo. Eu o lembro aqui, nessa encenação magnífica. Parece que o vejo esfusante, charuto aceso, na noite natalense, fazendo um pouco de História ao ar livre. Nunca te esquecerei, meu mestre, meu amigo, meu companheiro. Com quem me lancei à pesquisa da oralidade histórica pelos sertões do Rio Grande do Norte. Dessa peregrinação resultou o livro – LITERATURA ORAL – que Cascudo dedicou a mim, num gesto muito seu – cheio de ternura humana pelo aprendiz que continua a ser o mesmo de sempre, fiel à tua memória e ao teu espírito, que refulge na noite das estátuas, na tua cidade ainda romântica, ainda virgem, ainda simples.*

*Norte-rio-grandense do Ceará-Mirim, Nilo Pereira nasceu a 11/12/1909, no Engenho Verde Nasce. Principiou os estudos na sua terra natal com a poeta Adele Sobral. Depois de concluir o Curso de Humanidades no Atheneu norte-rio-grandense, seguiu para Recife, onde estudou Direito. Formado em 1932, sendo inclusive o Orador da Turma, Nilo foi contemporâneo de Seabra Fagundes, Edgar Barbosa, Mário Moacyr Porto, Djalma Marinho e Afonso Bezerra. Esclarece Mário Moacyr Porto que a Faculdade de Direito do Recife, à época de Nilo, "era mais uma Faculdade de Letras do que uma escola de estudos jurídicos. Direito mesmo se estudava muito pouco." (In Rev. Academia Norte-rio-grandense de Letras, V. 34, nov. de 1990). Daí se explica o pendor para as letras, cultivado na Faculdade. Após sua formatura, radicou-se em Recife onde se dedicou à política. Ainda em Recife assumiu cargos públicos de destaque e lecionou na Universidade Católica e na Faculdade de Filosofia. Militou também na imprensa, escrevendo inúmeros artigos. Como escritor, deixou inúmeros livros publicados. O texto ora publicado tem a marca do memorialista, narrando uma deliciosa aventura em Natal, o tempo em que Sylvio Pedrosa era governador. Cascudo aparece como protagonista da peripécia cultural. Tudo aconteceu em Natal, na década de cinquenta.*

*Frank Tavares Correia é advogado, leitor proficiente de Vieira, Ruy Barbosa, Cascudo, Nilo Pereira e outros célebres escritores.*

# POR JANEIRO

Ferreira Itajubá



Noites ungi­das de claros vinhos,  
Plenas de rosas, noites lava­das,  
Cheias de idílios pelas quebra­das,  
De eflúvios raros pelos camin­hos...

Noites de insô­nia e desalin­ho,  
De serenatas pelas cal­çadas...

Noites de trovas abemola­das  
Como gorjeios de verdelin­hos...

Trazei-me sempre, noites de enfeite,  
Todas as coisas dessa redoma:  
Chavas de incenso, marés de leite,

Matando o gérmen do desengan­o  
Que me tortura, noites de goma,  
Primeiras noites claras do ano!



O soneto "Por Janeiro", de Ferreira Itajubá - um poeta em que se mesclam variadas técnicas compositivas, predominando o verso alexandrino, tão ao gosto dos românticos, e o decassilabo, de dicção lírico-parnasiana, é, a meu ver, uma das melhores representações do movimento simbolista. Pode-se dizer que é essa jóia de Itajubá, lavrada na musicalidade do seu léxico localista, que dá início à aventura semântico-sonoro-visual do soneto, em terras potiguares. E que vai futuramente desaguar nos experimentos verbo-visuais de Luiz Rabelo - o patriarca da nossa vanguarda poética; no metasoneto de Homero Homem; na poesia jocosa e paratática de Alex Nascimento e na fenomenologia composicional de Celso da Silveira.

Jarbas Martins é Professor do Curso de Comunicação Social(UFRN), poeta e ensaísta.